



NOTA BIOGRÁFICA

Urbano Tavares Rodrigues nasceu em Lisboa em 1923. Apesar da sua origem citadina, passou parte da sua infância e juventude no Alentejo. Licenciado em Filologia Românica, exerceu, em Portugal e em França, funções docentes, quer no ensino universitário, quer no ensino secundário, segundo um percurso imposto pela ditadura, pois tendo sido proibido de exercer funções docentes no ensino oficial, foi professor no Colégio Moderno e, em França (na companhia da escritora Maria Judite de Carvalho, então sua mulher), foi Leitor de Português na Universidade de Montpellier e professor assistente nas universidades de Aix-en-Provence e Paris-Sorbonne. Tendo regressado a Portugal foi, por largos anos, professor na Faculdade de Letras de Lisboa, onde se doutorou em 1984.

A sua vivência, um permanente comprometimento cívico, quer afrontando o fascismo nos anos de chumbo (o que o levou diversas vezes à prisão), quer nestes tempos de democracia melancólica, sempre sublinharam uma vida e uma obra que, avessa a enquadramento em escolas literárias, está amplamente traduzida e premiada. Cinquenta anos de vida literária de Urbano Tavares Rodrigues evidenciam-se num percurso pautado por mais de oitenta obras editadas (ficção, ensaio e crítica, viagens e crónicas e um livro de poesia) agora, em vias de ser dada à estampa, na forma de edição da sua obra completa.

É fácil gostar de Urbano Tavares Rodrigues. Do homem e do escritor. Cordialidade, sedução e simpatia encontram-se nele associadas a uma mítica fibra, coragem e inquestionável humanidade e generosidade, reconhecidos atributos deste cidadão, pedagogo e criador de uma escrita límpida que sustenta narrativas que têm dado, a gerações de leitores, o prazer de reencontrar e reconhecer nele o dom de quem sabe, com elegante sobriedade, contar bem uma história.



BIBLIOTECA MUNICIPAL
CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
EM COLABORAÇÃO COM
AS PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE

URBANO TAVARES
RODRIGUES

AO CONTRÁRIO
DAS ONDAS



13 DE OUTUBRO 2007
16.00 HORAS
COMEMORAÇÃO DOS 50 ANOS
DE VIDA LITERÁRIA
E APRESENTAÇÃO DA OBRA

BIBLIOGRAFIA

FICÇÃO

A Porta dos Limites, 1952

Vida Perigosa, 1955

A Noite Roxa, 1956

Uma Pedrada no Charco, 1958
(Prémio Ricardo Malheiros da Academia de Ciências)

Bastardos do Sol, 1959

Aves da Madrugada, 1959

Nus e Suplicantes, 1960
(Prémio dos Leitores)

Os Insubmissos, 1961

Exílio Perturbado, 1962

As Máscaras Finais, 1963

Terra Ocupada, 1964

Dias Lamacentos, 1965

Imitação da Felicidade, 1966
(apreendido pela censura)

Despedidas de Verão, 1967

Casa de Correção, 1968

Horas Perdidas, 1969

Contos da Solidão, 1970

As Torres Milenárias, 1971

Estrada de Morrer, 1972

Viamorolência, 1976

Dissolução, 1977

As Pombas São Vermelhas, 1977

Destá Água Beberei, 1979

Fuga Imóvel, 1982
(Prémio Aquilino Ribeiro da Academia das Ciências de Lisboa)

Oceano Oblíquo, 1985

A Vaga de Calor, 1986
(Prémio da Crítica do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários)

Filipa Nesse Dia, 1989

Violeta e a Noite, 1991
(Prémio Fernando Namora)

Deriva, 1993
(Prémio Literatura e Ecologia do Lyons Clube de Aveiro)

A Hora da Incerteza, 1995

O Ouro e o Sonho, 1997

O Adeus à Brisa, 1998

Os Campos da Promessa, 1998

Margem da Ausência, 1998

O Supremo Interdito, 2000

Nunca Diremos Quem Sois, 2002
(Prémio Vida Literária da APE)

A Flor da Utopia, 2003

God Bless América!, 2003

A Estação Dourada, 2004
(Prémio Camilo Castelo Branco da APE)

O Eterno Efêmero, 2005

Ao Contrário das Ondas, 2006

I Volume das Obras Completas, 2007

VIAGENS E CRÓNICA

Jornadas no Oriente, 1956

Jornadas na Europa, 1958

De Florença a Nova Iorque, 1963

Roteiro de Emergência, 1966

Tempo de Cinzas, 1968

A Palma da Mão, 1970

Deserto com Vozes, 1971

Esta Estranha Lisboa, 1972

Redescoberta da França, 1973
(apreendido pela censura)

Viagem à União Soviética e Outras Páginas, 1973

As Grades e o Rio, 1974

Perdas e Danos, 1974

Palavras de Combate, 1975

Diário da Ausência, 1975

A Luz da Cal, 1996

POESIA

Rostos da Índia e Alguns Sonhos, 2005

ENSAIO E CRÍTICA

Manuel Teixeira Gomes (introdução ao estudo da sua obra), 1950

Présentation de Castro Alves, 1954

O Tema da Morte, 1958

O Alentejo (prefácio e selecção), 1958

Teixeira Gomes e a Reacção Antinaturalista, 1960

O Mito de Dom Juan, 1960

Prefácio a O Teatro e o Seu Duplo, de Antonin Artaud, 1962

O Algarve na Obra de Teixeira Gomes (prefácio e selecção), 1962

Noites de Teatro, 2 vols., 1961 e 1962

O Romance Francês Contemporâneo, 1964

Realismo, Arte de Vanguarda e Nova Cultura, 1966

A Estremadura, 1968

A Saudade na Poesia Portuguesa (prefácio e selecção), 1968

Escritos Temporais, 1969

Ensaio de Escrever, 1971

Ensaio de após Abril, 1977

O Gosto de Ler, 1980

Um Novo Olhar sobre o Neo-Realismo, 1981

M. Teixeira Gomes. O Discurso do Desejo, 1984

Prefácio a Despedidas de António Nobre, 1985

Publicação das Obras Completas de M. Teixeira Gomes. A Horas e Desoras, 1993
(Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários)

Tradição e Ruptura, 1994

O Homem Sem Imagem, 1994

O Texto sobre o Texto, 2001

O Algarve em Poemas, 2003

30 Poemas de Abril para 30 Anos de Abril, 2004

Os Poemas da Minha Vida, 2004

Do romance AO CONTRÁRIO DAS ONDAS

Ao Contrário das Ondas é um romance recente de Urbano Tavares Rodrigues. Partindo da reflexão sobre elementos de uma geração charneira, que transita entre o antes e o pós 25 de Abril até à actualidade, Urbano Tavares Rodrigues transcende a focalização nas personagens ao inscrevê-las no percurso cinético dos contextos, conflitualidade e transformações políticas e sociais, o que permite ao autor e ao leitor interrogarem-se sobre a realidade actual e o futuro da sociedade. As personagens do romance (Lívio, Sabina, Mafalda e António Pedro), tocadas pelo desgaste provocado pela usura do tempo, pela implacabilidade das circunstâncias, pertencem a uma geração que, tendo sido insubmissa, é hoje insatisfeita e desencantada consigo, com os outros e com o mundo, não pelo que foi na sua radicalidade mas talvez por, num novo tempo cavalgado por um “internacionalismo globalizante”, se mover no restrito universo social de quem, numa paráfrase de Eça, *sofre de fartura*, de desilusão, da desafiadora vacuidade dos filhos que, numa espécie de *rancor pelo mundo* (p. 29), ou não se afirmam, ou se abismam nas voltas da vida.

O romance *Ao Contrário das Ondas* inscreve-se num percurso de quatro capítulos pautados pela alteridade narrativa das personagens: “O horto abandonado” (o paraíso perdido?); “O jardim selvagem” (o espaço sem regras impostas e ainda aberto ao possível?); “O labirinto” (o percurso confuso e de difícil sentido onde é fácil perderem-se?); “A irrisão da vida” (a constatação da irrelevância, da troça que a vida faz das grandes esperanças?). Neles expressam-se as relações, circunstâncias e enquadramentos que modelam o percurso das personagens (os momentos, os grandes nomes, as obras referenciais, o que é fundamentador da construção dos seus gostos, opções e perspectivas) e evidencia-se a diferença entre as expectativas que tiveram e o primado da realidade que se impõe, num tempo que é já de balanço de vida, tocado pela lassidão, esgotamento e distanciamento. O que sobra de Lívio, o antigo radical agora convertido e instalado? De Sabina, sua ex-mulher, que não quebra amarras e não enterra o luto por uma relação que não foi o que poderia ter sido? De Mafalda, a ressentida namorada de Lívio, reciclada numa esquerda caviar *bon chic, bon genre*? De António Pedro, o amigo de todos, um *homem voluntariamente apagado, sem vínculos fortes a coisa alguma*? (p. 115). Um Outono de descontentamento, apatia, e indiferença que se instalou no que antes os entusiasmava e fascinava.

A exposição do arco do passado e presente das personagens, dos seus valores e convicções cambiantes, evidencia como a sua vida, aparentemente bem sucedida, seguiu por veredas inesperadas, de como transitam supostos intransitivos. O romance *Ao Contrário das Ondas* reporta o relativo constrangimento que advêm-lhes de, em tempo de balanço de opções e vivências, constatarem que as coisas são como são, e não como

poderiam ter sido. Elas interrogam-se sobre a capacidade de terem estado à altura e em concordância com os desafios de que desistiram. Sobram cansaço e incerteza sobre os despojos dos seus sucessos e escolhas, que se intuem terem também o gosto daquelas vitórias que não se gosta de vencer.

Mas não será o contrário das ondas o movimento de recuo, a antagónica e contrária tensão e contenção do movimento natural que incessantemente se reafirma? Não transporta a dinâmica da própria onda uma força erosiva? Nas convicções, no amor, na vida não está também inscrita uma promessa de grandeza incumprida: a de se querer chegar onde nunca se chega? Este romance, *Ao Contrário das Ondas*, não será então um espelho do recuo, um percurso pelos “perdidos e achados” da memória, depois de, bem ou mal, se ter cumprido um caminho que, como o das ondas de uma maré, se estende até ao seu limite e chega ao ponto do areal onde não pode ir mais além? Talvez para as personagens, não para o autor.

Apesar de sensível aos matizes e complexidade da realidade, também Urbano Tavares Rodrigues (como António Pedro?), intuirá que *o que está em causa, mais uma vez na história, é o domínio do mundo* (p. 106), que *foi sempre afinal dos mais fortes, dos mais poderosos*. (...). Impõe-se, para ele(s), *continuar a sonhar a continuação da batalha perdida*. (...) *Ao menos sonhar que intervenho, que esta pouca coisa que sou ao menos empurra nem que seja ao de leve os mecanismos da mudança* (p. 124). Mudança que possa restaurar a convicção de um destino de emancipação para os despojados da sociedade que, na sua lógica de ordem e desordem, não poupa sequer os instalados e indiferentes.

As personagens deste romance podem olhar e avaliar o seu passado. Mas, definitivamente, não sabem o que reserva o futuro, nem a exacta dimensão com que, inexoravelmente, nele se reflectirão as acções e escolhas que fizeram e vão fazendo. Será esta incontornável margem de dúvida a ressaca de um passado de materialismo positivista? Do actual e incerto relativismo pós-moderno? Do neo-liberalismo que contamina pessoas e personagens com uma certa angústia, uma variante daquela *dor mansa, quase vegetal* (...) de saudade do que se foi, de nostalgia da promessa do que, a cada momento, poderia ser o *ter sido*? Aceitarão a relativização dada pela finitude, *não sofras, não vale a pena. Afinal, morremos todos e tudo morre em nós, tudo vai morrendo, amores, remorsos, orgulhos* (p. 15)? Ocorre-me: *Raiva de não ter[em] trazido o passado roubado na algibeira!*... (Álvaro de Campos)

Vera Silva

Urbano Tavares Rodrigues AO CONTRÁRIO DAS ONDAS Publicações D. Quixote

Falo-te disto, Sabina, nem sei porquê. Afinal a Mafalda teve importância nas nossas vidas. Foi ela que te afastou de mim, sem ter culpa disso. Apareceu na minha frente e era uma extensão do Lívio, primeiro intocável, depois... Numa contagem real, se fosse possível fazê-la, inclinar-se-ia provavelmente o prato do mal na balança com o peso dos meus actos. Também se cometem crimes por indiferença, por apatia. Mas entre o mal e o bem há tantas semelhanças... Falo, falo, Sabina, para tocar-te com a minha voz, só que desvio-me sempre do essencial, que é o próprio mistério do nosso relacionamento, da nossa condição. Amo-te e não saberia viver contigo, como não sei sequer viver comigo, nada agarro nem quero provavelmente agarrar, autocondenado que sou a uma solidão calafetada com risos e pilhérias e discursos estéreis.
(...)

Eu que punha tudo em causa e que hoje estou completamente à margem da vida, que ainda reflecto e critico, mas já nada tenciono mudar, no meio das minhas procurações, doações, contratos, testamentos, certidões...

Nunca me orgulhei de mim e agora menos do que nunca. Sobrevivo. Neste fim de Agosto engorurado de calor.”